

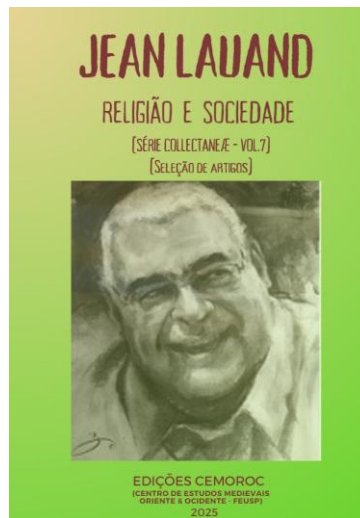
Lauandiana 7, 8 e 9: “Religião & Sociedade”, “Educação Medieval: Temas e Figuras (com tradução de 43 textos da época)” e “Outros Escritos”, novos livros de Jean Lauand

(os artigos recolhem partes da apresentação desses livros da série *Collectaneae*: Ed. Cemoroc).
As obras se encontram em <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page5.html>)

Sylvio R. G. Horta
Vice-Coord. área de Chinês (Dlo-Fflchusp)
Editor de Internet do Cemoroc

Em artigo anterior, <http://www.hottopos.com/isle47/Sylvio.pdf>, nesta mesma revista, fizemos a apresentação de *Collectaneae*, a nova coleção de livros das Edições Cemoroc, e de seus primeiros volumes, de autoria do Professor Jean Lauand. Neste artigo, recolho a “Apresentação” de três novos volumes dessa coleção (2025), do mesmo autor.

Apresentação de *Collectaneae* - 7: Religião e Sociedade (386 p.)



Este volume recolhe 18 artigos selecionados de Jean Lauand, dedicados a profundas reflexões filosóficas e teológicas, a seus valores, às relações entre religião e “mundo” e às influências (por vezes, disfunções) nas práticas sociais.

O livro se abre com “O diálogo entre Fé e Razão”, sua apresentação em debate (13-02-2009) com o bispo Dom Dimas Lara Barbosa, então secretário geral da CNBB. Passados 16 anos, os temas então tratados ganharam ainda mais atualidade, como é o caso dos abusos e do fanatismo que o grande pensador espanhol Julián Marías designou por “catolicismo insaciável” (claro que essa insaciabilidade não é tentação que assole só o catolicismo, mas acomete todas as religiões). Essa mesma extrapolação é também o tema – sob um determinado ponto de vista teórico tema – de outro estudo “‘Catolicismo insaciável’: dos dogmas às representações sociais”.

Ainda nesse debate, JL recolhe uma de suas mais brilhantes contribuições ao tema da liberdade do cristão em matérias temporais, estabelecida pelo próprio Cristo, na emblemática questão da partilha da herança. Enquanto Cristo se recusa a se envolver concretamente nessa questão secular, o Alcorão, pelo contrário, prescreve detalhadas normas para o caso: o que levou o Islã, pouco depois, a fundar a ciência árabe da Álgebra, precisamente para “equacionar” esses preceitos.

Ainda nesse capítulo de abertura, JL recupera, em favor da autonomia da consciência de cada cristão – seguindo seu mestre Tomás de Aquino –, o caráter principal (e principal) da virtude cardeal da Prudência (da verdadeira *Prudentia*) contra a prepotência de líderes religiosos que preferem ocultá-la e pretendem substituí-la por detalhados e farisaicos códigos morais...

Segue-se um clássico lauandiano: “O Deus que brinca: fundamentos lúdicos da realidade”, profundo estudo sobre a antropologia e a teologia de Santo Tomás, todo um manifesto em favor da leveza da religião e um convite à contemplação de Deus no mundo, como se pode ver em “Olé! – O Belo e Deus”. O livro inclui também um divertido capítulo sobre o humor na Bíblia.

Explora a seguir uma (esquecida) metáfora do Aquinate, a de “Cristo sal”, desenvolvendo um dos conceitos essenciais da visão católica do mundo: a *participatio*. O homem e o mundo são por participação no Ser de Deus e a graça é a participação da Filiação divina de Cristo. Esse e outros conceitos que integram a *Weltanschauung* da doutrina católica são analisados em seu documento oficial: o Novo Catecismo da Igreja.

Outro salutar conceito em favor da liberdade – derivado do onipresente princípio central: a Criação – está na decidida postura praticada e ensinada por Tomás: a de uma filosofia e teologia negativas, antídotos contra qualquer tentativa de rígidos racionalismos, como prefigurados em um S. Anselmo de Canterbury. O artigo é: “Tomás x Anselmo - *rationes necessariae* ou *theologia negativa*”. Na esteira desse tema, estão os artigos que abordam a comunicação de Deus, pela metáfora e pelo *mashal*: “O papel dos enigmas na educação e na religião medievais” e “*Amthal*, a pedagogia metafórica de Deus na Bíblia e no Alcorão”.

De acordo com as preocupações do Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, JL documenta as manipulações (e contradições), que por vezes se observam no Vaticano: as ambiguidades ligadas à edição definitiva do Novo Catecismo da Igreja Católica.

Seguindo seu mestre contemporâneo, o grande filósofo alemão Josef Pieper, recupera e apresenta para nosso meio acadêmico a desconhecida Acídia, o pecado capital de extremo alcance antropológico e que é ignorado pelos cristãos, que o substituíram pelo “*pecadillo*” da Preguiça, elevado incrivelmente à categoria de vício capital...

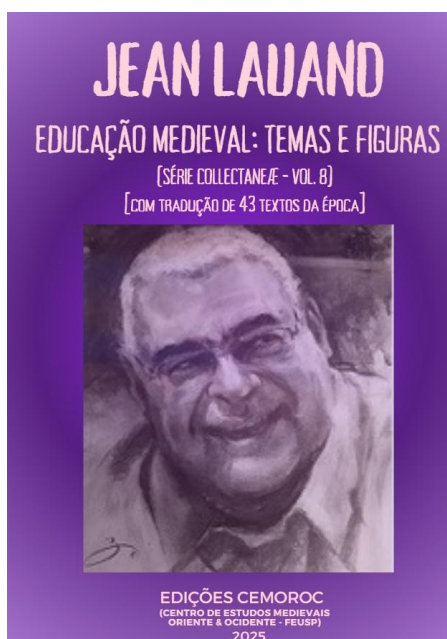
Contra os que pretendem uma uniformização do estilo de viver a religião, a legítima e saudável diversidade de modos de o cristão “viver a vida de Cristo” (Gal: 2, 20) é explorada na análise psicológica (“Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses”) de dois grandes santos: São Bento e São Francisco, não por acaso nomes escolhidos pelos dois últimos papas...

Também à luz do escorregadio “estilo eclesiástico”, JL analisa sociológica e historicamente o curioso caso da devoção a Santo Expedito (questionando inclusive sua própria existência...), verdadeira febre ainda há poucos anos.

Um artigo de 2001, que causou muito impacto internacional foi “*Mother Mary Comes to me...*”, uma interpretação do “Let it be” de Paul McCartney, como um possível hino a Maria, mãe de Jesus. Já o título não significa “deixa estar”, mas o próprio *fiat*, “faça-se” de Maria (no evangelho em inglês: “let it be”).

Uma interessante análise exegética que ilumina a leitura dos evangelhos é “Os ‘se’ das línguas Semitas e o Evangelho Revisitado”. “A linguagem mística do cotidiano”, sempre a partir do conceito central de Criação, refuta o fundamentalismo dos que querem controlar os fiéis, criando uma oposição da religião ao mundo, como se o mundo não fosse obra de Deus. A partir da poesia de Adélia Prado, mostra-se como a arte (não só a arte sacra, mas qualquer verdadeira arte) remete a Deus criador: assumir plenamente a Criação envolve também a valorização do corpo e da matéria, tema do último capítulo desta obra.

**Apresentação de *Collectaneae* - 8: Educação Medieval: Temas e Figuras
(com tradução de 43 textos da época) (404 p.)**



Fundada em 1969, desde seu primeiro ano letivo em 1970, a Faculdade de Educação da USP estabeleceu-se como um polo de excelência de pensamento pedagógico, especialmente – para o que importa para esta Apresentação – ao apostar em uma sólida formação em História da Educação: além, é claro, de contemplar diversas outras épocas, foi a única Faculdade no Brasil que manteve – durante muitos anos – um semestre inteiro (com carga horária de 4 horas semanais) a disciplina “História da Educação na Idade Média”!

O docente responsável era o saudoso Prof. Dr. Ruy Afonso da Costa Nunes, o maior medievalista da época, sobretudo naqueles tempos em que estudos sobre a Idade Média não eram valorizados em nosso meio acadêmico. Por exemplo, o currículo da Faculdade de Filosofia saltava direto da História da Filosofia Antiga para a Moderna...

Com a aposentadoria de Ruy Nunes, a partir de 1983, JL (recém-contratado em 1981) corajosamente assumiu o ensino de História da Educação Medieval, lecionando por mais de 25 anos essa disciplina na graduação, até ele mesmo se aposentar (JL ainda hoje colabora com o Programa de Pós-graduação da Feusp, na qualidade de Professor Sênior).

Alguns intelectuais, como Santo Agostinho, são eminentemente escritores (e é a partir dessa vocação básica que exercem o magistério etc.); outros, como Tomás de Aquino, são fundamentalmente professores. Este é também claramente o caso de JL: se ele é um escritor fecundo (os volumes até agora publicados desta Coleção superam as 3000 páginas) e exímio – como demonstra seu sucesso internacional, publicado em 25 países e 14 línguas (cf. o vol. 6 desta Coleção) – é porque seu pensamento e toda sua atividade estão assentados sobre a docência: habitar a sala de aula, alimentar-se do diálogo e da comunhão com os alunos... Os estudantes sentiam isso vivamente e por isso o incomparável número de homenagens que lhe prestaram, como referimos na parte anterior desta Apresentação.

Assim que foi incumbido da missão de lecionar História da Educação da Idade Média, JL começou imediatamente, como pioneiro, a se empenhar na tradução de textos de educadores medievais, na época inexistentes em nosso meio acadêmico. Manteve esse trabalho ao longo dos

anos e hoje podemos oferecer ao leitor esta seleção de 43 textos dos principais educadores – do século IV ao XIV – e de seus grandes temas pedagógicos.

Para a escolha desse material, fiel à sua vocação de professor, JL orientou-se por diversos critérios, um deles tomado de Tomás de Aquino, seu mestre por excelência. Tomás como professor sempre insistiu em que o ensino deve ser agradável e divertido: a chatice docente é pecado! O professor JL orienta-se pelo lúdico. E ele mesmo recolhe – não por acaso em seu clássico estudo sobre o Deus Lúdico –, os argumentos antropológicos do Aquinate a esse respeito:

Essa “re-criação” pelo brincar – e a afirmação de Tomás (ainda na questão 168) pode parecer surpreendente à primeira vista – é tanto mais necessária para o intelectual e para o contemplativo, que são os que, por assim dizer, mais “desgastam” as forças da alma, arrancando-a do sensível. E, “sendo os bens sensíveis conaturais ao homem”, as atividades racionais mais requerem o brincar. Daí decorrem importantes consequências para a filosofia da educação. O ensino não pode ser aborrecido e enfadonho: o *fastidium* é um grave obstáculo para a aprendizagem¹.

Em outro lugar da *Suma teológica*, Tomás – jogando com as palavras – analisa um interessante efeito da alegria e do prazer (*delectatio*) na atividade humana, efeito que ele chama metaforicamente de dilatação (*dilatatio*), capaz de ampliar a capacidade de aprender tanto em sua dimensão intelectual quanto na da vontade (o que designaríamos hoje por motivação). A “deleitação” (*delectatio/dilatatio*) produz uma dilatação essencial para a aprendizagem². E, reciprocamente, a tristeza e o fastio produzem um estreitamento, um bloqueio ou, para usar a metáfora de Tomás, um peso (*aggravatio animi*) também para a aprendizagem³. Por isso, Tomás recomenda o uso didático de brincadeiras e piadas, para descanso dos ouvintes ou alunos⁴.

Assim, não é de estranhar que – uma e outra vez – reencontremos o lúdico em muitos desses textos que aqui se apresentam: nas diversas peças de teatro (como a do incrível Camêlo das ervas “Medicinais” de Rutbeuf), nas listas de probleminhas de Matemática das escolas monásticas do século IX, as piadas do ano 1000 de Petrus Alphonsus etc.

O primeiro texto nos vem do fim da Antiguidade, o Sermão de Agostinho sobre o filho pródigo, precedido de um notável estudo introdutório sobre o arrebatador estilo de pregar (e de escrever) do bispo de Hipona. Como não poderia deixar de ser em se tratando de JL, encontraremos verdadeiros achados de deliciosos trocadilhos e jogos de linguagem nessa pregação.

Claro que para toda a Idade Média (abreviaremos por IM) o sermão será (também) uma instância educativa geral privilegiada, para além do meramente pastoral. Daí que encontremos também um sermão de São Cesário de Arles (para o homem do campo do começo da IM) e o refinado Sermão de São Bernardo sobre o conhecimento e a ignorância.

Quando elaborou traduções de textos das 7 Artes Liberais, as disciplinas que compunham o currículo da Educação Fundamental da IM, o *trivium* e o *quadrivium*, respectivamente: Gramática, Retórica e Dialética; Aritmética, Geometria, Astronomia e Música, JL propunha a seus estudantes avaliações não **sobre** o ensino medieval, mas com as mesmas questões que “caíam” nas provas dos aluninhos das escolas monásticas.

Uma de suas ex-alunas relembra essas provas e aulas, muitos anos depois:

¹ *Suma teológica*, prólogo.

² *Suma teológica* I-II, 33, objeção 1.

³ *Suma teológica* I-II, 37, 2, objeção 2.

⁴ *Suma teológica* II-II, 168, 2, objeção 1.

E a mais surpreendente descoberta, inimaginável para nós: supúnhamos que nosso tempo é que estava inovando com o lúdico da educação! E, de repente, éramos lançadas na sala de aula de um mosteiro do século IX, na qual as crianças eram desafiadas com brincadeiras, charadas e pegadinhas. Nossas representações da Idade Média caíam por terra.

Na aula, aprendíamos rudimentos de latim para poder entrar nos joguinhos pedagógicos medievais. Por exemplo, descobrimos que o latim tem declinações: o final da palavra mudava se ela exercia a função de sujeito, objeto direto etc. E que em algumas declinações, o acusativo (objeto direto) singular terminava em **M**; e o plural em **S**. JL em suas aulas, praticava o ideal de universidade de seus mestres Pieper e Tomás de Aquino: abertura para o todo da realidade (*Offenheit für das Ganze*); a partir de um ponto qualquer, abriam-se os mais inesperados (sensacionais e inesquecíveis) relacionamentos.

No caso, JL explicou-nos que, quando as línguas nacionais suprimiram as declinações do latim, tomaram simplesmente o plural do acusativo: em **S**. O italiano é uma das exceções: o plural foi feito a partir do nominativo (sujeito) das 1ª e 2ª declinações. Por isso, no falar paulistano, estabeleceu-se uma média: plural em **S** nos artigos e sem **S** nos substantivos. Foi a partir do curso de medieval que entendi o “dialeto” de meu bairro, o Bixiga: “*Na festa da Achiropita, os moço viéro e tiraro as moça pra dançar, enquanto os velho comia as polenta*”.

Para explicar-nos o objeto direto em **M**, JL recorria às charadinhas de Alcuíno, o maior pedagogo do século IX:

Se me lês na ordem certa, comes-me; se me lês de trás para diante, cavalgas-me.
Quem sou eu?

— — — — —

[quem lembrasse do **M** em verbos transitivos diretos já começaria a acertar:]

M — — — **M**

Resposta: *Malum* (maçã) e *Mulam* (mula)

Outra charada de Mestre Alcuíno, esta para testar vocabulário:

Seis letras tenho e não sou pequeno. Se me tiras a 1ª letra, viro banquete pascal.
Se me tiras a 4ª, sou um dos que presenteou o menino Jesus. Se me tiras a 2ª, a 3ª e a 4ª, viro um ladrãozinho. Quem sou eu?

Resposta: **M A G N U S** (grande)

Sem a 1ª letra, **A G N U S** (cordeiro)

Sem a 4ª, **M A G U S** (mago)

E finalmente, **M U S** (rato)

(Hirose em Hirose, C. & CASTRO, R. C. G. (Org.). **Jean Lauand: 50 anos na USP** (memórias e depoimentos). 1. ed. Santo andré: Kapenke, 2020, pp. 103-104).

Para essas aulas e atividades com o currículo da época, JL valia-se das divertidas listas de probleminhas de matemática de Alcuíno (que incluíam charadas e até “pegadinhas”), da Geometria de Boécio, das noções de Retórica e etimologias de Isidoro de Sevilha (a própria etimologia era parte da arte da Gramática), do canto gregoriano etc. De Isidoro, procedem também outras práticas pedagógicas, como o “jogo das diferenças”.

A viveza e o caráter popular da cultura da época se manifesta nas diversas peças de teatro aqui apresentadas e nos “tipicamente nordestinos” pregão do Camelô das ervas e “Teófilo” de Gonzalo de Berceo, que em nada difere de um auto de nosso Suassuna...

A visão de mundo medieval era profundamente alegórica: as realidades, mais do que meros fatos em si eram sinais dados por Deus para interpretação de sua obra e de sua revelação na Bíblia.

Assim, quando o cristão de hoje lê no evangelho de João a pesca milagrosa de 153 peixes, isto para ele significa somente uma grande quantidade de peixes. Mas um Agostinho vai se valer da Aritmética para explicar para o povo em sermão porque exatamente 153: somatório de $1 + 2 + 3 \dots + 16 + 17$, sendo que 17 é $10 + 7$, números que têm também seu significado simbólico.

Graças a essa visão, pôde prevalecer na IM a ideia da legitimidade de estudar as artes e ciências leigas: elas são indispensáveis para a compreensão da Bíblia. Daí, por exemplo, o livro de Rábano Mauro sobre o caráter místico dos números e o de São Jerônimo sobre o significado dos Nomes Bíblicos.

Na época, quase tudo se volta para a religião: as poesias – como os versos de Rusticus Helpidus –, o teatro e até as piadas da época têm que se mostrar como instância formativa moral e religiosa.

Na escolha dos textos, JL soube selecionar peças de importância como marcos fundadores: o Tratado sobre a Trindade de Boécio é o marco inicial da Escolástica, o uso da razão para ajudar a fé. A radicalidade, no caso, é que Boécio escreve todo um livro sobre a SSma. Trindade sem citar uma única vez a Bíblia, mas apoiando-se somente em Aristóteles!

Outro fato incrível é o do restabelecimento do teatro no Ocidente, por volta do ano 1000, por uma mulher: Rosvita, do mosteiro de Gandersheim. O teatro havia sido banido pelos cristãos e Rosvita o reinventa: desta vez como hagiografia e exortação cristã. Em suas peças – duas das quais (Sabedoria e Dulcício) recolhidas aqui – as mulheres prevalecem sobre os homens em inteligência, caráter etc.

A IM começa com a queda do Império Romano, cujo espaço se transformou em reinos bárbaros (não só analfabetos, mas ágrafos) e o pouco que se poderia salvar do esplendor cultural da Antiguidade Clássica, devemos a educadores como Boécio e Isidoro, que assumiram a tarefa de tentar passar um mínimo (era o que era possível, no caso). A cultura refugiou-se nos mosteiros e se hoje conhecemos muitas obras, até da cultura pagã, é graças a Cassiodoro, que instituiu nos mosteiros a figura do monge copista, a quem exorta em seu árduo trabalho no texto que aqui se recolhe.

Algumas interfaces com a cultura árabe se dão sob o reinado de D. Alfonso, o Sábio, que manda traduzir o “Livro da Escada de Maomé” e escreve – copiado dos árabes – o primeiro tratado de xadrez no Ocidente.

Para essa cultura edificada em bases tão precárias, inicialmente prevalecem os Livros de Sentenças, aqui tipificados na Cintilações de Defensor de Ligugé, até que com o progresso e o amadurecimento dos séculos XII e XIII possam surgir monumentais trabalhos autorais como os do principal pensador da época, Tomás de Aquino (veja-se, por exemplo, o profundo “Sobre a diferença entre a palavra divina e a humana”), de quem se recolhem aqui tantos textos.

Sobre Raimundo Lúlio, JL oferece uma reflexão sobre o significado que ele dá a seus provérbios.

Na análise do, ainda hoje famoso, hino “Ave Verum” (século XIV), Lauand nos brinda uma interessantíssima descoberta sobre a forma do texto poético original, a partir do modo de escrita medieval.

No campo do humor são imperdíveis as piadas de Petrus Alphonsus e de seu personagem: o servo Maimundo, um autêntico Pedro Malazarte da época.

Detemo-nos aqui, afinal o próprio JL nos oferece a seguir seu Depoimento e Estudos Prévios a este livro tão importante para o cultor da Idade Média e para o público em geral.

Pode ser útil ao leitor conhecer o conteúdo dessa obra.

SUMÁRIO

Apresentação – Sylvio R. G. Horta 007

Estudos Prévios

Depoimento: Lecionar História da Educação Medieval na Feusp 015
Atualidade da Pedagogia Medieval 023
O papel dos enigmas na educação e na religião medievais 027
O Deus que brinca: fundamentos lúdicos da realidade 041

Autores e Temas da Educação Medieval

Santo Agostinho (354-430)

Estudo Introdutório 055
Sermão “Sobre o Filho Pródigo” 069

São Jerônimo (c. 347-420)

Estudo Introdutório 075
O Livro das Interpretações dos Nomes Bíblicos 080

São Cesário de Arles (470-543)

Nota Introdutória 085
Sermão para uma paróquia rural 085

Boécio (c. 480-525)

Nota Introdutória 089
Tratado sobre a Trindade 092

Rusticus Helpidus (séc. VI)

Nota Introdutória 101
Carmina – a Poesia de Rusticus Helpidus 101

Cassiodoro (485-580)

Nota Introdutória 103
As *Institutiones*: o trabalho dos copistas 105

Santo Isidoro de Sevilha (560-636)

Estudos (/Notas/) Introdutórias (intercalados) 107
Algumas Etimologias 109
O Jogo das diferenças 114
O De Ortu et Obitu Patrum 118
Sobre a Matemática - Aritmética e Geometria 131

[N.B.: cada item indicado neste Sumário tem seu próprio estudo (/Nota) introdutório]

Defensor de Ligugé (século VIII)

Estudo Introdutório 141
O Livro das Cintilações 146

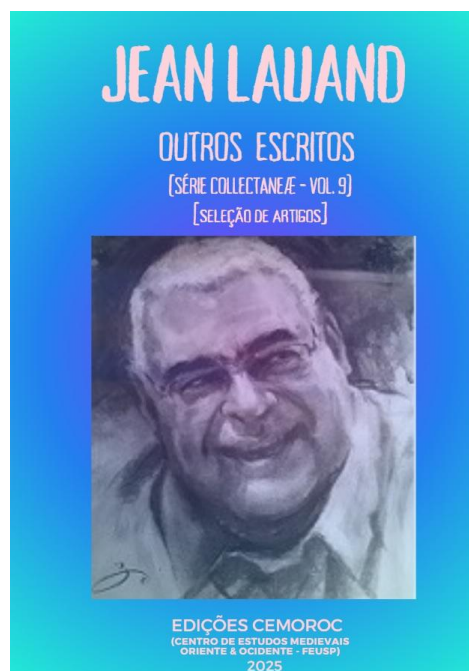
Alcuíno de York (735-804)

Nota Introdutória 163
Problemas para aguçar a inteligência dos jovens 164
Diálogo entre Mestre Alcuíno e seu aluno Pepino 168

Rábano Mauro (784-856)	
Nota Introdutória	173
O Significado Místico dos Números	175
Anônimos (<i>saecula diversa</i>)	
Nota Introdutória	185
<i>Et Pilo sua Umbra...</i> - Inscrições em Relógios de Sol	186
Rosvita de Gandersheim (c. 935-c.1002)	
Estudo Introdutório à peça de teatro “Sabedoria”	197
Sabedoria	200
Nota Introdutória à peça de teatro “Dulcício”	215
Dulcício	216
Petrus Alphonsus (1062-1140)	
Nota Introdutória	227
<i>A Disciplina Clericalis</i>	228
Conselhos de Luqman a seu filho	228
Fábula IV; Fábula XXVIII	228
Sobre o modo de comer	229
Anedotas do servo Maimundo	230
Anedota do Pastor e do Mercador	232
São Bernardo de Claraval (1090-1153)	
Estudo Introdutório	233
Sermão sobre o conhecimento e a ignorância	238
Teatro: <i>sketches</i> e peças de autores anônimos (Sécs. IX -XIV)	
1. Antífona Pascal (anônimo – século IX)	243
2. Os Estudantes e o Camponês (anônimo do século XI)	245
3. Um <i>jeu</i> medieval - O Mistério de Adão (anônimo do séc. XII)	249
4. O Courtois d’Arras (teatro) - anônimo do século XIII	261
5. A Dança da Morte (anônimo do século XIV)	277
[N.B.: cada item indicado neste Sumário tem seu próprio estudo (/Nota) introdutório]	
Rutebeuf (século XIII)	
Nota Introdutória	279
Teatro: “O Pregão das Ervas”	279
Gonzalo de Berceo (c.1198 – c. 1260)	
Estudo Introdutório	285
O <i>Teófilo</i> de Gonzalo de Berceo	290
(sob) D. Alfonso, o Sábio (1221-1284)	
O Livro da Escada de Maomé - capítulos 50, 51 e 70	303
Shatranj – o xadrez árabe e o ocidente medieval	307
Santo Tomás de Aquino (1225-1274)	
<i>Ratio, Natura, Ordo...</i> sentenças de Tomás de Aquino	315
Sentenças sobre tolos e tolices	327
Os provérbios na obra de Tomás de Aquino	337
Sobre a diferença entre a palavra divina e a humana	343
É a memória parte da prudência?	353
Anônimo do século XIV	
Ave Verum Corpus Natum	357

	Ramón Llull (1232-1316)	
Provérbios selecionados		359
Pequenas amostras de traduções de Tomás de Aquino publicadas em livros		
Estudo Introdutório aos Pecados capitais		367
Sobre a Acídia e a Ira		371
Nota Introdutória ao Sobre o Ensino		375
Sobre o Ensino		378
Estudo Introdutório à Prudência		387
Questão 47 - A prudência em si mesma considerada		393
O estudo segundo Tomás de Aquino: uma carta Sobre o modo de estudar		397
Pequeno Glossário de Tomás de Aquino		401

Apresentação de *Collectaneae* - 9: Outros Escritos. Entrevistas, homenagens, prefácios, coautoria, documentais (524 p.)



A primeira seção dessa obra recolhe entrevistas de JL. A primeira, para a revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é especialmente relevante, pois nosso autor detalha sua metodologia – que segue a de Josef Pieper – que relaciona linguagem e antropologia filosófica: a linguagem como “sítio” privilegiado para atingir o próprio ser do homem, que está escondido para nós e ao qual nosso acesso é fundamentalmente indireto. Daí, por exemplo, a importância da análise etimológica, que JL esgrime com maestria.

Revela-nos também outro ponto fundamental: o de como explora o “sistema língua/pensamento” (J. Lohmann), o modo de pensar língua e pensamento não como realidades estanques, mas em interação dialética, especialmente nos casos do grego (sistema *logos*) e do árabe (sistema *ma'na*).

Ainda nessa entrevista, revisita o modo como o brasileiro tenta recuperar dois recursos inexistentes em nossa língua (e, claro, “de pensamento”), elementos chave nos clássicos: “voz média” e o neutro. Para além de registros “gramaticais” são componentes importantíssimos de uma visão de mundo, como mostram os diversos usos que JL faz deles em sua obra.

Encerra expondo como o português do Brasil recebeu influência das línguas indígenas e africanas.

Na entrevista para a Unisinos, começa por responder sobre uma de suas mais importantes descobertas: a ligação da Álgebra (como ciência típica do sistema língua/pensamento árabe) e o Alcorão com a pretensão islâmica de regular também a vida civil, em contraste com Cristo que afirma a autonomia das realidades temporais. Em seguida, volta-se para a Filosofia da Educação de Tomás de Aquino, com sua realista concepção de valorização do corpo e da matéria, a primazia da virtude cardeal da Prudência etc.

Com JL entrevistador, temos sua conversa com Adélia Prado, em 1993, e o precioso poema inédito “Acácias”, presente que, na ocasião, a poeta lhe ofereceu. Ainda sobre Adélia, o último artigo deste livro nos traz uma recentíssima pesquisa sobre produções “pré-históricas” da escritora: ao garimpar na Biblioteca Nacional, JL descobriu um conto e quatro poesias completamente esquecidas, da fase anterior a “Bagagem”, livro que revelou AP para o Brasil.

A segunda seção deste livro (“Eventos do Cemoroc...”) traz artigos sobre importantes marcos de nosso Centro: o 25º. aniversário de nossas revistas (e seus 300 volumes publicados), seus Seminários Internacionais realizados e o inovador Projeto *Coepta*, que há 7 anos incentiva a iniciação científica de jovens estudantes do Ensino Médio, selecionando e publicando seus artigos em revistas acadêmicas do Centro.

Outros dois estudos repassam as muitas e inestimáveis colaborações para o Cemoroc de dois eminentes filósofos espanhóis: Julián Marías e Alfonso López Quintás.

Na terceira seção (“Homenagens a Fundadores...”), encontramos artigos (e prefácios) em reconhecimento de fundadores e membros do Cemoroc, como: Helmi Nasr, Paulo Ferreira da Cunha, Aida Hanania, Silvia M. Gasparian Colello, Pere Villalba, Enio Starosky e Concha Piñero.

Segue-se uma coletânea de “Artigos em coautoria”, cerca de vinte, que – além da parceria com colegas experimentados – nos trazem uma dimensão importante da obra de Jean Lauand: seu trabalho como orientador de mestrado e doutorado e como supervisor de pós-doutorados. Ao contrário de muitos que simplesmente assinam os trabalhos elaborados por seus orientandos, JL se envolve profundamente como coautor e interlocutor daqueles que orienta: temos assim uma panorâmica dessa sua importante missão na universidade.

Segue-se uma seção de “Trabalhos de Documentação...”, cujo primeiro artigo é a recuperação de 500 provérbios portugueses antigos, selecionados do livro de 1651 de Antonio Delicado: *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*.

Além disso, JL foi um dos primeiros a valer-se de mídia eletrônica em suas pesquisas e investigando no “Oxford English Dictionary” e “Diccionario de la Real Academia” conseguiu elaborar as importantes listagens de palavras oriundas do árabe nas línguas inglesa e espanhola.

A penúltima seção é a de “Trabalhos de Documentação”, evocando artigos antigos de JL, muito jovem, no Suplemento Cultural de “O Estado de S. Paulo” e no próprio Estadão.

O livro se fecha com a publicação do referido recente artigo sobre Adélia Prado, não recolhido em *Collectaneae* anteriores